

“Acorda professor, dê corda para seu aluno e veja o que com corda pode se fazer”

EMEF Carlos Chagas

Profa. Maria Emilia de Lima

Ao iniciar o ano letivo de 2008, considerei, a partir de estudos que venho desenvolvendo e de uma leitura inicial da realidade, a necessidade de mobilizar o grupo de professores no sentido de rever o currículo. A escola onde atuo localiza-se em uma região periférica da cidade de São Paulo, atende ao Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). O respectivo Projeto Político-pedagógico foi elaborado coletivamente e tem sido revisitado e reformulado. Contudo, tenho observado que, nas Assembléias para a discussão deste projeto educativo, tanto os pais e alunos como muitos dos professores têm pouca participação. Muito dos discentes e suas famílias sequer freqüentam essas reuniões, enquanto parte dos docentes, embora presentes, não discutem criticamente a proposição do currículo.

Tal fato chamou minha atenção, pois uma cena bastante comum que presencio na escola é a de grupo de professores comentando sobre as dificuldades e sobre os conflitos que enfrentam no seu cotidiano. Há colegas que reclamam da falta de apoio da equipe administrativo-pedagógica, outros do salário e das condições de trabalho, há ainda os que se queixam dos alunos que não colaboram, não fazem atividades e que as famílias estão deliberando para os professores e para a escola o que seria sua função. Em certa medida, estas reclamações não são totalmente infundadas, mas por que isto tudo ocorre? O que tem levado muitos de nós professores a situações tão estressantes? Por que estamos abrindo mão do direito a participação na construção de uma escola que se quer justa, democrática e de qualidade? Qual é a função da escola? Qual é o nosso papel enquanto educadores? Por que não nos mobilizamos para uma revisão crítica e responsável do currículo com vistas a reverter a situação denunciada por nós mesmos?

Durante reunião para revisão do Projeto Político-pedagógico, posicionei-me favorável a uma análise crítica das questões que estão afligindo os educadores e dificultando o desenvolvimento do trabalho com os alunos. Minha proposta, com a fala inicial dirigida ao grupo docente foi convidá-los para uma ação mais pontual, focada na realidade vivida em uma determinada escola pública municipal, a nossa escola. Na verdade, o que busquei no grupo foi uma reflexão a respeito dos princípios, habilidades e consciência do sentido das conseqüências

da prática pedagógica. A discussão travada a partir desta ação aproximou-me mais dos colegas da área de Educação Física, possibilitando compartilharmos idéias e propostas de revisão curricular, para uma atuação pedagógica mais coerente e menos improvisada.

Uma dinâmica de reunião de organização curricular que tem se repetido em nossa escola, todo ano, foi estruturar inicialmente uma Assembléia com toda a comunidade para discussão e proposição de encaminhamentos de alterações no projeto educacional e depois, num segundo momento, foram realizadas reuniões em pequenos grupos para definição de planos de trabalho e planos de ensino. Minha equipe era formada por quatro professores de Educação Física, sendo duas professoras titulares de cargo que há muito trabalha nesta escola (eu sou uma delas), uma professora adjunta que também tem permanecido conosco há vários anos e um professor recém-contratado pela Secretaria Municipal de Educação.

O trabalho de nosso grupo iniciou com a leitura e análise do Projeto Político-pedagógico. Este documento oficial explicitou a importância dada à formação de um aluno crítico e participativo e, entre outras questões, apontou que para o ano letivo de 2008, a meta seria aumentar a participação da família na escola, uma vez que, foi constatada fragilidade na relação família e escola, ou seja, verificamos que a família mantinha-se distante das questões curriculares. Chamou-nos também a atenção a tabulação dos dados de uma pesquisa sócio-econômica realizada por meio de questionários dirigido aos alunos, pais e/ou responsáveis, principalmente por indicar a composição e procedência das famílias, seus respectivos mantenedores, o tipo de moradia e o nível escolar dos pais. Após esta releitura, nós professores de Educação Física, procedemos com um diálogo informal que possibilitou o registro de características das turmas de alunos de Educação Física, anotações das condições de espaços e materiais disponíveis para as aulas e o levantamento dos espaços de lazer e práticas de atividades físicas, localizados nas proximidades da escola.

Verificamos, contudo, que há grande diversidade cultural na escola e, além disso, que no seu entorno existem diversos espaços para a prática de manifestações da cultura corporal: um clube municipal com trabalho intenso de ginástica olímpica, duas academias de lutas, espaço no canteiro central da avenida próxima à escola para caminhada e uma escola estadual com projeto de esportes aos finais de semana para a comunidade. Constatamos ainda que as crianças matriculadas no primeiro ano do Ciclo I do Ensino Fundamental são, em sua maioria, oriundas da escola de Educação Infantil (EMEI) próxima à nossa unidade (as duas unidades

educacionais são separadas apenas por um muro). Estes alunos, conforme diagnosticamos, em oportunidade posterior, reproduzem certas brincadeiras sem questioná-las, não se reconhecendo como autores e transformadores destas práticas culturais.

Revisitando os planos de ensino da área de Educação Física de anos anteriores, percebemos que a prática de vôlei e futebol, queimada e alerta, assim como algumas brincadeiras de correr estavam se repetindo no currículo para os ciclos I e II do Ensino Fundamental, deixando pouco espaço e tempo de discussão para outras manifestações corporais. Consideramos a necessidade de uma revisão crítica de um Currículo que tem privilegiado conhecimentos de determinado grupo cultural.

Diante de tais constatações decidimos, até posterior reunião para avaliação, definir as manifestações da cultura corporal a serem estudadas para cada ano dos ciclos. Tencionando acolher os saberes da comunidade consideramos as manifestações corporais presentes no entorno escolar já citadas (ginástica, esporte, caminhada, lutas, brincadeiras) bem como: a turma com a qual cada professor iria desenvolver o trabalho, a possibilidade de maior aceitação de certas atividades por parte dos alunos e as dificuldades/facilidades encontradas por alunos e professores no trato com a temática. Isto posto, a configuração inicial das manifestações corporais que seriam abordadas ao longo do currículo escolar acompanhou a seguinte distribuição: 1º e 2º anos brincadeiras, 3º ano dança, 4º e 5º anos ginástica, 6º ano lutas, 7º e 8º anos esportes.

Coube a cada professor, a partir desta leitura e interpretação inicial da realidade e das decisões coletivas, elaborar seu plano de ensino. A mim foram atribuídas três turmas de 1º ano, três turmas de 2º ano e duas turmas de 6º ano.

Para elaboração dos planos de ensino dessas turmas, apoiei-me nas Orientações Curriculares da Secretaria Municipal de Educação, de onde extraí os objetivos da área, sem deixar de considerar os pressupostos do projeto pedagógico da escola.

Devo confessar que estava tanto quanto ansiosa, pois pela primeira vez iria ministrar aulas para crianças na faixa etária de seis e sete anos. Preocupe-me, inicialmente, em manter um diálogo com os pequenos de forma a compreender seus comportamentos e idéias. Provavelmente por este motivo, antes de iniciar o planejamento da ação pedagógica atentei para os seguintes detalhes:

- Talvez a inversão da proposta institucional traria melhores resultados, ou seja, não seria melhor tentar aproximar a escola da família e não o contrário?
- Neste sentido, como me aproximar das famílias de meus alunos de 1º ano?
- Quanto ao trabalho a ser realizado nas aulas: quem são essas crianças? O que gostam? Do que brincam? Com quem brincam? Onde vivem? Com quem vivem? Como chegam à escola?

Tendo como pano de fundo estas questões, considerei que o fato de que conhecer melhor os alunos e suas famílias facilitaria o diálogo que eu tencionava mediar entre essas crianças e a cultura corporal de movimento. Após a ansiedade inicial, imaginei que seria tranqüilo o meu trabalho com a turma, afinal de contas, eram crianças que, assim como eu, estariam vivendo uma nova situação. Passado algum tempo, posso afirmar que nem tudo foram flores, entretanto, a minha história com a turma do 1º ano A do Ensino Fundamental, Ciclo I, do ano de 2008, que passo agora a narrar, apresenta diversas situações de brincadeiras, de ensino e aprendizagem, como também marcas de respeito, comprometimento e muita paixão.

Partindo do pressuposto que os professores de crianças pequenas, em geral, se utilizam da “roda de conversa” e que provavelmente as crianças já conheciam o procedimento utilizei-me dessa estratégia para investigar o fato de que, talvez, meus alunos reproduzissem certas práticas corporais sem considerar a possibilidade de criar novas brincadeiras ou modificar as já conhecidas. Lancei, inicialmente, as seguintes questões: qual é a sua brincadeira preferida? Quem te ensinou essa brincadeira? Com quem você brinca?

Levei um tempo considerável para organizar a discussão e os questionamentos, pois, os alunos falavam todos de uma só vez e não procuravam ouvir o que os outros diziam. Insisti em fazê-los compreender que todos têm direito de dar a sua opinião, mas para que isso acontecesse, deveriam falar um por vez. Combinamos que era preciso levantar a mão e aguardar para garantir a sua vez de falar. Não foi fácil, mas, observei que manter a rotina, de lembrar os combinados e fazer a roda, minimizava as dificuldades.

As questões discutidas proporcionaram a elaboração de uma lista de brincadeiras. Esta lista foi escrita na lousa por mim e ditada pelos alunos. Escrevi este texto também em uma folha de papel pardo para marcarmos as brincadeiras representativas dessa comunidade. Constatei que a turma conhecia algumas brincadeiras, mas encontrava dificuldades para relatá-

las verbalmente, parecia faltar vocabulário. Às vezes os alunos davam nomes diferentes para a mesma brincadeira. De qualquer forma, quando vivenciavam as brincadeiras socializadas, começavam a compreender melhor as diferentes formas de brincar.

Tencionando conhecer as famílias e inferir acerca da disponibilidade dos adultos em brincar e/ou conversar com as crianças solicitei as seguintes tarefas para casa: 1) pergunte a um adulto que mora com você qual brincadeira ele mais gostava quando criança e 2) entreguei uma corda para alguns alunos para que eles brincassem com alguém da família e depois contassem a atividade para a turma da classe. A brincadeira com corda foi citada na roda de conversa e por tratar-se de material acessível, serviu de elemento integrador para a atividade a ser realizada em casa pela criança e sua família. A oferta deste material para a interação e vivência com a família implicou em muitas conversas a respeito das brincadeiras com corda. Organizei e registrei na lousa, em sala de aula, uma segunda lista, onde constaram as brincadeiras com cordas que o 1º ano conhecia (não era necessário saber executar). Em seguida, questioneei: quem tem corda em casa e pode trazer para nossas brincadeiras com corda aqui na escola? Quem conhece alguém que gosta e que sabe um jeito diferente de brincar de corda? Quais as sensações experimentadas ao brincar com a corda em casa e aqui na escola? Quem inventou as brincadeiras com corda? Podemos criar brincadeiras com cordas?

Em meio ao furor, os alunos se posicionaram:

- *Eu conheço a brincadeira cobrinha.*
- *Eu conheço a corda dupla, mas não sei pular.*
- *Eu sei como brincar de aumenta-aumenta e abaixa-abaixa.*
- *Eu não sei quem inventou as brincadeiras, mas sei que foi Santos Dumont quem inventou o avião.*
- *Quem inventou as brincadeiras foi alguém muito inteligente – foi um adulto quem inventou.*
- *Algumas vezes demorava muito para chegar a minha vez e é chato.*
- *Senti dor porque eu pulava alto.*

Ao contrapor-me à um Currículo que há muito esteve presente nas decisões políticas pedagógicas da escola, acolhendo e respeitando as vozes de minha turma, pude constatar que estabelecer um processo onde o aluno possa intercambiar seu conhecimento estimula o desenvolvimento na criança da capacidade de compreensão e reorganização significativa da

experiência vivida. Desta forma, a cada início de aula, retomava oralmente com as crianças as atividades já realizadas. Tornou-se um procedimento rotineiro, chegar à sala de aula e perguntar para os alunos a respeito do tema que estávamos estudando, das aprendizagens alcançadas, das dificuldades superadas (ou não), da possibilidade de criar e/ou modificar as brincadeiras com cordas etc. Esta conversa inicial situava os alunos em relação ao trabalho já realizado e, em certa medida, garantia os questionamentos e encaminhamentos para aprofundamento do tema.

Após a retomada das ações desenvolvidas, as crianças tinham a oportunidade de contar sobre suas experiências com as brincadeiras com cordas, demonstravam corporalmente, explicavam as regras, contavam como tinham aprendido ou modificado a brincadeira e convidavam os amigos para a vivência. Um por vez e, respeitando a fala do amigo, o relato da brincadeira que eles já conheciam ou que aprenderam em casa por conta das tarefas propostas antecedia a vivência prática. Eram, ainda, incentivados a adaptar as brincadeiras ao grupo e aos diferentes espaços e criar outras possibilidades de execução. Como resultado, cada aluno que “inventava” uma brincadeira mostrava para a turma e todos tentavam desenvolver a proposta original. É fato que os alunos sentiam-se valorizados quando podiam mostrar para os colegas as suas produções. Foi ficando cada vez mais perceptível a segurança dos alunos ao se colocarem diante do grupo para falarem de suas brincadeiras, aprendizagens e “invenções”. Tal processo decorreu porque em nenhum momento me situei como a única detentora de conhecimentos e acreditando na possibilidade de criar um ambiente onde os alunos pudessem tranquilamente falar de seus saberes, abri espaço para as diferentes formas de ser, pensar e brincar.

As atividades práticas, sugeridas pela turma, eram realizadas ora em pequenos grupos, ora no grupo maior. Algumas vezes com a corda grande, outras com cordas individuais. Numa das primeiras aulas, usei apenas uma corda grande e trabalhei com todos os alunos na mesma atividade. O tempo de espera foi grande. Automaticamente, eles se colocaram em fila, o que dificultou ouvir as explicações e encaminhar algumas propostas. Em outras ocasiões, ao trabalhar em pequenos grupos com cordas individuais, observei que alguns não conseguiam organizar a atividade, vários conflitos surgiram, por exemplo: os alunos ficavam muito próximos da corda ou do colega que ia iniciar a brincadeira; brigavam na fila; não combinavam as regras antes e outros. Verifiquei que uma ou outra criança não arriscava,

ficava com medo e ia passando para o final da fila, sempre cedendo a vez. Outros alunos não aproveitavam muito, pois quando chegava a sua vez, erravam e tinham que ceder lugar para o colega seguinte. Contudo, pude observar que algumas lideranças surgiam nestas atividades.

Ao compreender que o modo de participação nas vivências corporais reflete a experiência pessoal ao mesmo tempo em que influencia a identidade cultural do grupo, busquei garantir nas aulas de Educação Física, a experimentação e interpretação das variadas formas de brincar com a corda. Da mesma forma valorizei a participação do aluno toda vez que ele manifestava sua opinião, contribuía com sugestões e apresentava alguma informação ou idéia de mudança à temática tratada em aula. Com esta dinâmica intencional de fazer dialogar os repertórios das vivências cotidianas trazidas para o interior da escola pude notar que os alunos mais tímidos e inseguros, que pouco se arriscavam, eram aqueles que opinavam muito pouco quando era dada oportunidade, em aula, para a construção coletiva do projeto. Da mesma forma, os ousados em experiências práticas eram os mesmos falantes da roda de conversa. Apesar da possibilidade de problematizar esta questão, minha intervenção se deu em outro sentido.

Embora sem preocupação alguma com a realização eficaz da atividade, senti grande desejo de ver todos inseridos na brincadeira, entretanto, perguntei simplesmente se era possível mudar a regra de *quem errar sai* e se era possível ter mais chances para pular. Os alunos concordaram que todos teriam três chances para pular quando chegasse sua vez. Procurei atuar de forma a fazer o grupo ou a criança reconhecer as dificuldades enfrentadas e pensar em como superar. Para um grupo que estava com as cordas individuais e não conseguiam pular perguntei qual seria o motivo do “fracasso”. As crianças reconheceram que a corda era grande e acabaram dando algumas sugestões para resolver este problema (dobrar a corda, dar um nó). Recomendei que experimentassem novamente e eles puderam perceber que ficou mais fácil. Sugeri ainda que, caso fosse necessário, poderiam criar novos jeitos de brincar com a corda. Atendendo minha sugestão, uma aluna propôs *entrarem com a corda batendo*, outros alunos “inventaram” as seguintes brincadeiras: *pião ser humano, corrida de corda, corda cega, entra, pula 3 vezes e sai*.

No término de uma das aulas, no portão da escola, me apresentei para algumas mães e conversei com elas sobre suas lembranças das aulas de Educação Física, a opinião dos filhos sobre as experiências que estavam tendo e as brincadeiras que elas mais gostavam quando

crianças. Pelos comentários, as lembranças das aulas de Educação Física remeteram a alguns jogos com bola (futebol e voleibol); a avaliação das aulas dos filhos, por diferentes motivos, foi positiva e as brincadeiras citadas foram: bola, corda, corrida, amarelinha. Para me comunicar com os demais pais e responsáveis, elaborei e pedi que os alunos colassem em suas agendas um comunicado aos responsáveis:

“Este ano seu(a) filho(a) está tendo 2 aulas de Ed. Física. Estamos estudando e vivenciando algumas brincadeiras. Contando com a sua colaboração gostaria de saber qual era sua brincadeira preferida e peço para você ensinar esta brincadeira ao seu filho durante esta semana. Obrigado”

Esta tentativa de diálogo com a família resultou em sugestões de novas brincadeiras e também na percepção do quanto os alunos iam, pouco a pouco, dominando os procedimentos de participação na conversa e compreendendo o processo vivido na busca de conhecer mais sobre as brincadeiras com cordas. Quando íamos para o pátio ou para a quadra desenvolver as brincadeiras propostas, já tínhamos “combinado” os procedimentos, embora, muitas vezes, foi necessário interromper as vivências, discutir e rever certos aspectos. Assim, foi durante a vivência que um grupo optou por experimentar uma brincadeira que não tinha surgido na roda de conversa. Na quadra, vislumbraram a possibilidade de usar a corda para “escalar” o alambrado. Pediram minha ajuda para amarrar a corda num ponto alto e se envolveram muito nesta atividade. Ao discutirmos em grupo, essa nova brincadeira “inventada”, as outras crianças começaram a pensar no uso da corda não somente para pular, mas para outras brincadeiras. Desta forma, surgiu a idéia de fazer um balanço em cada trave. Utilizei-me mais uma vez da estratégia da roda de conversa para que o grupo pudesse rever a lista de brincadeiras com cordas e então incluir a “escalada” e o “balanço”. A partir do processo vivido com este grupo de alunos pude compreender a escola como espaço determinado socialmente para a produção, reconstrução e ampliação cultural e à Educação Física como área de conhecimento capaz de oferecer a cada aluno a oportunidade de posicionar-se enquanto produtor da cultura corporal.

O fato de escrever sobre nossas ações é uma oportunidade de refletir sobre elas. Foi com este objetivo, de levar as crianças a refletirem sobre as ações realizadas, e também com o

propósito de avaliar a produção escrita e a capacidade dos alunos de recuperar cronologicamente as atividades vivenciadas, que solicitei, em determinada data, o registro das atividades por escrito ou em forma de desenhos. Orientei, também, que escrevessem, na folha de sulfite individual, qual o sentimento advindo da vivência da brincadeira registrada. De forma geral, os alunos conseguiram comunicar suas aprendizagens pelos desenhos e pela escrita. Alguns não escreveram de forma alfabética o que me levou a solicitar também a leitura das palavras.

Para ampliar os conhecimentos dos alunos a respeito do tema brincadeiras com corda, exibi e promovi a discussão a respeito de um vídeo sobre *rope skipping*. Este vídeo traz diversas formas de pular corda e apresenta esta atividade em competições individuais e em grupos. Antes, porém, do início do filme, apresentei o teor do mesmo, comentei com os alunos que se tratava de um vídeo que apresentava uma brincadeira de criança utilizada para treinar e deixar as pessoas fortes. Também levantei alguns questionamentos, entre eles, perguntei se brincadeira de corda era coisa somente para crianças. Expliquei, ainda, que era necessário prestar atenção ao filme, observar as formas de utilizar a corda e observar todos os personagens. Durante esta atividade surgiram diversos comentários das crianças que foram “devolvidos” em forma de novos questionamentos. As crianças reconheciam algumas formas de pular corda. Entusiasmaram-se quando duas ou três pessoas pulavam cordas juntas e faziam movimentos coreografados. Perguntei se elas queriam experimentar as formas apresentadas, quais as diferenças com o que elas já estavam fazendo, e quem eram as pessoas do filme. Ao assistir os vídeos, as crianças identificaram e avaliaram certas práticas. Também observaram crianças e jovens no vídeo e comentaram: - *“adulto também pula corda”* - *“podemos até fazer uma competição com cordas”* - *“minha irmã também sabe pular corda dupla”*

Um aluno insistiu que sua irmã sabia pular corda dupla. Convidamo-la e ela aceitou vir conversar com as crianças e mostrar sua forma de pular corda dupla. Ela não conseguiu, faltou alguém que também soubesse bater a corda daquela maneira. De qualquer forma, foi muito bem recebida pelos alunos.

Na continuidade do trabalho utilizando diferentes textos, apresentei, na roda de curiosidades, uma história em quadrinhos da Turma da Mônica “brincadeiras com corda”, retirada da internet, com a finalidade de ampliar o repertório dos alunos a cerca da manifestação corporal estudada, para que eles pudessem comentar de forma cada vez mais

pertinente os temas propostos em aula. As crianças leram de forma peculiar (apoiando-se nas imagens do texto) a história da “Mônica”.

Observando o entusiasmo dos alunos ao lerem a história, avaliei que seria uma oportunidade interessante para eles entenderem que, muitas vezes, os textos são escritos e reescritos a partir de uma experiência. Acreditei também ser momento oportuno de levar as crianças a constatarem suas produções culturais. Então, mais uma vez, retomamos oralmente o processo vivido nas aulas e em seguida questionei: é possível escrever a história das brincadeiras das aulas de Educação Física? Vocês conseguem lembrar-se das brincadeiras que “inventaram”? Eles disseram que sim e, então, perguntei como iríamos organizar o relato. Sugeriram que criariam a história e eu a escreveria na lousa.

Desde a primeira conversa com a classe, decidimos que iríamos registrar e socializar o produto de nosso estudo. Aliás, durante todo o processo vivido, registrei e fotografei as atividades. Os alunos, até acharam estranho o fato de a professora escrever no diário e tirar foto a todo momento. Inclusive ouvi o seguinte comentário de uma aluna: *professora que tanto você rabisca neste seu caderno*. Repeti várias vezes que se tratava da preparação do trabalho final.

Foi para minimizar a curiosidade e ansiedade das crianças, que em uma das aulas, as fotos tiradas durante as atividades realizadas foram apresentadas, no telão da sala de informática. As crianças não se contiveram e foram apontando e falando os nomes dos colegas, identificando a brincadeira, lembrando de fatos ocorridos e pedindo para irmos para a quadra e fazer tudo novamente. Da minha parte, medieei essa interação com as imagens de forma a promover a reflexão das crianças acerca de questões relevantes deste trabalho (diferentes formas de brincar com a corda, brincadeiras inventadas pelas crianças, valorização dos autores das novas brincadeiras). Pude perceber que era importante para os alunos comentar cada foto exibida e então surgiu a idéia de montar a apresentação das fotos com legendas explicativas. Na continuidade, expliquei o que era uma legenda, sua finalidade e como inserir a legenda nas fotos. Reiterei que a legenda ajudará a lembrar dos detalhes sempre que olharmos para a foto. Avaliei que grande parte dos alunos entendeu que ao modificar ou sugerir novas formas de brincar com corda estão “inventando” brincadeiras, logo, produzindo cultura.

No final desta aula, na sala de informática, ficou decidido que nos envolveríamos com a organização das fotos e construção das legendas. Não foi possível, infelizmente, desenvolver esta atividade usando os computadores. Exibi novamente as fotos (desta vez na sala de vídeo) e fui registrando as falas das crianças para a construção da legenda em meu diário. De qualquer forma, podemos dizer que o produto final foi concretizado, porém não foi socializado com as famílias e outros alunos da escola, como planejei inicialmente, mas pretendemos apresentá-lo em reunião de pais ainda neste ano letivo.